

# Vida e obra entrelaçadas na constituição patrimonial: Salomão de Vasconcellos e a escrita da história

Enviado em:

25/05/2014

Aprovado em:

13/07/2014

**Pollianna Gerçossimo Vieira**

polligercoosimo@hotmail.com

Mestranda em História

Universidade Federal de Ouro Preto

---

## Resumo

Salomão de Vasconcellos (1877-1965) é conhecido pelos estudos e discussões sobre a História de Minas Gerais, suas obras são de grande importância no cenário da produção historiográfica mineira. Foi colaborador e representante do SPHAN, hoje IPHAN, e teve, no IHGMG importante participação no tombamento da cidade de Mariana em Monumento Nacional. Este artigo almeja delinear, através da escrita historiográfica de tal autor, como este mobilizou o passado na constituição patrimonial mineira (principalmente marianense) baseando-se nos acontecimentos políticos, na arte e na religião, contribuindo também para a escrita de sua própria história familiar.

161

## Palavras-Chave

Escrita historiográfica; Patrimônio; Família

## Abstract

Salomão de Vasconcellos (1877-1965) is known for studies and discussions on the history of Minas Gerais, his works are so important for the mineira's historical production. He was representative of SPHAN, today, IPHAN, and had, in IHGMG important role in tipping the town of Mariana in National Monument. This article purpose study, through the historiographical writing of Vasconcellos, how he mobilized the past for a construction the marianense's heritage based on the political events, art and religion, contributing therefore for his own family history.

## Keywords

Historiographical writing; Heritage; Family

Salomão de Vasconcellos nasceu no dia 2 de janeiro de 1877, na Fazenda S. João de Crasto, atual território da cidade de Mariana. Foi herdeiro de uma das famílias mais ilustres dos primórdios de Minas Gerais, pois é filho de Francisco Diogo de Vasconcellos (irmão do afamado historiador Diogo de Vasconcellos) com D. Maria Madalena Vasconcellos. Seu pai era neto do Tem. Cel. Joaquim José de Almeida e bisneto do Conselheiro José Joaquim da Rocha, um dos personagens mais destacados da História do Brasil, figura presente na Independência, e um dos artífices do “Fico”<sup>1</sup>. Além destas figuras, destaca-se também Bernardo Pereira de Vasconcellos, outro parente ilustre do Salomão, eleito deputado geral por Minas Gerais em 1824. (cf. CARVALHO, 1999).

Esta genealogia mostra que Salomão de Vasconcellos nasceu em meio à uma família abastada e de grande participação na vida política da região e do Brasil e carregava consigo a mesma preocupação familiar com a política e com sua terra natal, isto explica o amor e o zelo que teve com a cidade de Mariana, à que dedicou grande parte das obras, algumas das quais nos deteremos nesse artigo.

O batismo do Salomão de Vasconcellos ocorreu na Paróquia de São Caetano de Mariana no dia 3 de junho de 1877, sendo o Padre Marcos de Oliveira Lopes responsável pelo ritual; teve como padrinhos os seus tios, Luiz Diogo de Almeida Vasconcellos e sua mulher D. Olímpia Etelvina Gomes, então moradores na Fazenda do Gualaxo, patrimônio da família Vasconcellos. Ainda jovem viu seu pai perder toda a fortuna da família em brigas políticas, motivo que o levou desde cedo ajudar na casa, fazendo todos os serviços próprios de sua idade. Vasconcellos era o terceiro filho, além dele, o casal tinha mais duas meninas. Com três filhos para criar e falidos, a mãe de Vasconcellos decidiu manda-lo à Ouro Preto para que pudesse estudar e assim garantir seu futuro. Então, aos 15 anos de idade Salomão de Vasconcellos foi morar com seu tio, Diogo de Vasconcellos, fato que viria a ser decisivo na sua carreira enquanto historiador. Segundo seu filho, Décio de Vasconcellos, Salomão “chegava a vender jornais velhos, conseguidos, por favor, de amigos, parentes e conhecidos, para, com o produto da venda, comprar velas que o permitissem estudar a noite”. (VASCONCELLOS, 1972: 13).

Entre os anos de 1892 e 1895, ele se dedicaria aos conhecimentos da gramática, matemática e de literatura, lendo com grande entusiasmo os livros de

---

1 O fico aconteceu em 22 de janeiro de 1822, e é conhecido pelo dia que D. Pedro I resolve que ficará no Brasil e não voltará à Portugal como queria seu pai. Tal ato é estudado e visto como a preparação para a independência do Brasil. Porém foi um evento complexo que envolveu uma trama de poderes. cf. SILVA, 2005.

José de Alencar e Cassimiro de Abreu (cf: VASCONCELLOS, 1961). Aprendeu também a arte da Taquigrafia, o que mais tarde (1895) lhe rendeu o trabalho de taquígrafo do Congresso (Senado e Câmara), tendo ele apenas 18 anos, fato este comentado em vários jornais mineiros<sup>2</sup>. Em junho de 1895, o Congresso reabre seus trabalhos após um período de férias, e, a partir desse dia, Vasconcellos começou sua primeira profissão. Aproveitando dessa arte, a taquigrafia, se dispôs a praticá-la na Academia de Direito, onde começou a aprender lições de Filosofia do Direito, ministradas pelo Professor Dr. Antônio Augusto de Lima.

Em 1898 Salomão de Vasconcellos perde seu pai e passa a ser, então, o suporte de sua família, ajudando suas duas outras irmãs, uma que se voltou à devoção fazendo-se Dominicana e a outra professora.

Com a capital mineira já transferida para Belo Horizonte, ele continua seus trabalhos no senado, além de ingressar na Faculdade de Direito em Belo Horizonte. Viveu nesta fase da vida na famosa *República do Acre* e teve como companheiros: Francisco Diogo de Vasconcellos (seu primo); Thompson Flores, Vitorino Prates, Alberto Horta, Francisco Caracioli (o Borges) e o Juvenato Horta. Das vivências na república ele escreve *Memórias de uma República de Estudantes*.

No segundo ano de direito pede transferência para a Faculdade de São Paulo, e se forma no ano de 1905. Em 1915, conclui o curso de medicina, que lhe rendeu duas medalhas após sua participação na *Grande Guerra* (1914-1918). Sua formatura foi noticiada no jornal marianense, *O Germinal*.

Em 1906, casou-se com D. Branca Tereza de Carvalho, insigne violinista, (da tradicional família fluminense do Barão de Itambi e do Visconde de Itaboraá) tendo como padrinhos: Dr. João Pinheiro da Silva, eleito o presidente do Estado de Minas Gerais, o desembargador Rezende Costa, o Dr. Ernesto Von Sperling, e por último, o Dr. Augusto de Lima – pai de Augusto de Lima Júnior. Tais padrinhos já demonstram sua influência no meio político mineiro.

Depois de anos atuando na medicina e no direito foi nas letras que se reconfortou, “fazendo-se escritor, agora embalado por esta outra constante de todo homem culto – o amor ao passado”. (VASCONCELLOS, 1961: 365-366). Foi em sua terra natal, na cidade de Mariana, que ele se reencontrou e iniciou a nova carreira, a de historiador. Convidado pelo então Prefeito de Mariana, Dr. Josafá Macedo para organizar o arquivo municipal, Vasconcellos se encantou

---

<sup>2</sup> Foi comentado nos seguintes jornais: no *Farol* – de Juiz de Fora, no *Minas Gerais* e no *Jornal do Comércio*.

com o passado e suas nuances. Daí em diante, por mais de 25 anos, tornou-se um estudioso da história do Brasil e passou a ocupar um lugar de destaque entre os historiadores da época, ganhando o cognome, *Mestre*.

Após um ano de organização do arquivo municipal de Mariana, Vasconcellos foi convidado por Dr. Rodrigo Melo Franco, então diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, para colaborar com as pesquisas do SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), e, foi também, representante do 3º distrito desta instituição em Minas Gerais no período de 1938 a 1945, cargo que passou a seu filho Sylvio de Vasconcellos. Neste órgão participou do tombamento da maioria dos monumentos da cidade de Mariana.

Foi nessa fase da vida que publicou a maior parte de suas obras, a maioria delas lembrando a importância de sua terra natal para com a nação, fazendo questão de colocar em papel preponderante os filhos de Mariana. Além de escrever suas obras, foi também neste período que Vasconcellos se filiou a diversas instituições, tais como: o Instituto Histórico de Ouro Preto; IHGMG – Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais – no qual foi presidente e teve um papel preponderante no tombamento de Mariana a Monumento Nacional; Instituto Histórico de São Paulo; Instituto Histórico da Bahia; Instituto Histórico de Pernambuco; Instituto Histórico do Rio Grande do Norte; Instituto Histórico do Sergipe; Instituto Histórico de Petrópolis; Instituto Histórico Brasileiro de Estudos Sociais de São Paulo; Academia de Letras de Minas Gerais; Sociedade Mineira de Escritores; Ateneu Internacional de Cultura; Academia Americana de la Historia y de la Ciência de Buenos Aires. Neste sentido, vale ressaltar também, a adesão à *Revista de História e Arte*, criada em Belo Horizonte no ano de 1963, onde ocupou o cargo de revisor crítico, tendo uma seção especial no número prospecto intitulada *A Palavra do Mestre*. O próprio título faz referência ao posto que ele alcançara enquanto historiador, sendo respeitado por intelectuais de diversas vertentes. Tal revista foi um importante espaço de sociabilidade onde Vasconcellos travou intensas discussões patrimoniais.

Sua primeira obra é escrita em 1936, período de intensas mudanças que desaguaram na fase conhecida como o “Redescobrimento do Brasil”<sup>3</sup>, com a

---

3 O “Redescobrimento do Brasil” foi de grande fervor no que tange a produção historiográfica, pois, para organizar o presente dando sentido à nova fase era necessário um retorno ao passado para resgatar deste, símbolos que formassem uma identidade brasileira e servissem à construção da nação. Assim, o novo regime buscou nas origens do Brasil a verdadeira essência deste, sua herança cultural. Cf. MOTA, 1990.

instauração do Estado Novo e a criação mais tarde do SPHAN, uma das instituições responsáveis pela escrita da história brasileira através da composição patrimonial. Em concordância à este período a obra de Vasconcellos escrita em 1936, *Verdades Históricas*, se pauta na busca da verdade e na tentativa de emergir Minas no cenário nacional, pois foi em tais terras que se deram os primeiros gritos de liberdade contra o despotismo através da “[...] tradição de liberalismo que sempre animou e norteou o povo mineiro”. (VASCONCELLOS, 1937: 74). Tal localidade estava contra àqueles que queriam “anullar ousadamente a obra da Independencia [...]”. (VASCONCELLOS, 1937: 82). Para o autor, Minas têm grande carga de responsabilidade pelo presente e pelo futuro da pátria, pois emerge dessa província, ou, mais precisamente de Mariana, o “[...] protesto contra o esmagamento das idéas liberaes [...]” (VASCONCELLOS, 1937: 71), que mais tarde veio derrubar a monarquia.

Além de *Verdade Históricas*, Vasconcellos escreveu uma série de obras, todas de alguma forma, relacionando Minas Gerais à cidade de Mariana e o seu papel na construção da nação, a preservação patrimonial, e a história de sua família. Neste artigo nos deteremos nas seguintes obras: *O Palácio De Assumar – Estudo Crítico-Histórico* (1937); *Mariana E Seus Templos – Obras D’arte Do Tempo Colonial* (1938); *Ataide – Celebre Pintor Mineiro Do Século XVIII* (1941); *Os Sinos..(na simbologia e na história)* (1946) e *Breviário histórico e prático de mariana (guia para turista)* (1947).

165

Em suas obras pudemos perceber, através de sua escrita historiográfica, como Vasconcellos sentia o tempo e via a história, suas concepções patrimoniais e como escreveu a história de sua terra natal entrelaçada com a de sua família. Em todas as obras três elementos são essenciais para a construção da história e do patrimônio mineiro, principalmente marianense: os episódios de lutas pelas liberdade, a arte e a religião. Em todos eles, sua família é referência como sendo a pioneira e a mais importante articuladora. Em um movimento de busca e manutenção da tradição, paralelamente ao do progresso, sua escrita historiográfica é marcada por duas concepções temporais, a *Mestra da Vida* e o *Historicismo*.

Vamos começar com o historicismo, pois sua definição é uma tarefa complexa, uma vez que há uma polissemia em torno deste conceito. Para Karl Heusse, “o conceito de historicismo tem um espectro tão amplo que ninguém deveria usar o conceito sem acrescentar o que estava pretendendo dizer com ele”. (HEUSSE apud SCHOLTZ, 2011:43). É possível, contudo, identificar certas características comuns entre as várias definições deste, a fim de traçarmos um

panorama amplo desta prática na escrita da história. Este procedimento é útil tanto para entendermos um pouco mais sobre o que vem a ser o historicismo, quanto para analisarmos a historiografia praticada por Salomão de Vasconcellos, que apresenta traços marcantes deste em suas obras. Assim, faremos primeiramente um breve panorama sobre o surgimento deste conceito e, posteriormente, entraremos na análise das ferramentas do historicismo concomitantemente à escrita da história de Salomão de Vasconcellos.

O Historicismo surgiu como resposta aos princípios racionais do agir humano pregado pela tradição iluminista advinda da Revolução Francesa. Foi entendido como uma reação à crise geral e as profundas transformações que passavam as sociedades europeias da Revolução. Eram os intelectuais os principais disseminadores dessa concepção, em que através de uma nova consciência “absorver-se-iam as experiências contemporâneas de uma transformação fundamental de todas as condições humanas de vida em direção a uma forma nova de identidade cultural de todos [...]” (MARTINS, 2012: 3) por meio das singularidades do passado.

166

A presença do historicismo foi notável nas obras de 1920 a 1945 no Brasil, principalmente por ser esse um período de “reconstrução da nação”. (cf. MALHANO, 2002). Após a Primeira Guerra Mundial, a questão do nacionalismo é colocada em meio às discussões de cunho mundial e no Brasil, com a entrada do Estado Novo, em 1937, a tarefa é reescrever a história do país. Para isso volta-se ao passado buscando elementos que simbolizam a herança cultural, para fazer desta, certa continuidade de uma representação histórica. Nas obras de Salomão de Vasconcellos não foi diferente, pois, ele realiza um retorno ao passado em busca de um símbolo singular que solidifique a identidade do ser mineiro, tomando-o como uma metonímia da nação, a cidade de Mariana como um Patrimônio Histórico e sua família como a detentora da verdade.

Uma das primeiras chaves de leitura para entendermos o historicismo é a busca pela verdade histórica perseguida pelos historicistas, também presente em Salomão de Vasconcellos que procura trazer à tona a verdade contida nos episódios da história mineira. Tal procedimento é importante, pois, a veracidade dos fatos legitima o poder político<sup>4</sup> de Minas, devido ao papel desempenhado por ela na história da nação. A perquirição da verdade requer um olhar profundo que leva

---

4 Para um melhor aprofundamento sobre a ideia de poder político ver: FOUCAULT, 1988: 13.

o historiador a remontar todo um cenário desde suas origens<sup>5</sup>. Tal olhar permite escrever uma história “suasória” (ou melhor, convincente), ao invés daquela “feita a retalhos” que, segundo o autor, vigorava entre muitos historiadores. A citação a seguir mostra exatamente a concepção que Vasconcellos tinha da História e de como ela era escrita:

“A historia do Brasil, como se sabe, além de feita a retalhos, está cheia de episodios como esse, muitos delles interessantes e que dariam para verdadeiras paginas atestadoras do civismo e da energia patriótica dos nosso maiores, mas infelizmente em grande parte mal contados, outros omitidos, e ainda alguns inteiramente desvirtuados. Dahi, já alguém ter dito, e com razão, que a historia quem a faz são os escritores e não os factos. Os factos, estes, só entram em cotejo ás mais das vezes como simples motivo, nem sempre, porém tomados a rigor, nas suas causas e effeitos. Quem, pois, como nós não é escrevedor de historia, mas lê as historias reunidas e os retalhos da historia, póde mais facilmente, pela reflexão, pelo confronto, por uma melhor apreciação, emfim, do que leu, tirar ás vezes conclusões, si não precisas e autorizadas, mais consentaneas, pelo menos com a verdade dos factos”. (VASCONCELLOS, 1936: 64).

Assim como os historicistas, Vasconcellos estava convencido que o elemento primordial de uma escrita da história é o historiador, pois cabe a ele com sua experiência e intuição recriar o passado tal como “realmente existiu”. Deste modo, para uma história verdadeira, a busca documental e a interpretação de um todo são funções de primeira ordem. A busca pela “verdade histórica” é pautada nos documentos deixados pelos “antepassados”. A obra de Vasconcellos intitulada *Verdades Históricas* já nos permite aludir, no título, o peso da verdade para esse historiador.

A importância dos arquivos e das fontes aparece de relance nas obras de Vasconcellos, mas demonstra o alinhamento às ideias historicistas. Ranke já havia destacado a atenção que deveria ser dada às fontes. (cf. HOLANDA, 1979). Para Estevão Martins, a elaboração teórica do historicismo rankeano, “não se concentrava na construção de quadros de referência explícitos de interpretação histórica, mas no destaque da especialização da ciência histórica através do pré-requisito (decerto teórico-metodológico) do estudo rigoroso das fontes” (MARTINS, 2008: 30).

---

5 Segundo Hartog, “Mas a história é efetivamente sempre o mesmo movimento de descida: o mais profundo é o mais verdadeiro. “Cada vez mais profundo”, [...] para ver o melhor possível quem “nós”somos e quais são “nossas”origens nacionais”. HARTOG, 2011



Ainda sobre a verdade, o autor preza o olhar de autópsia<sup>6</sup>, que o leva a reencontrar a vida através da reconstituição da realidade passada. A autópsia é uma metodologia antiga, utilizada por Tucídides, em que o olho funciona como um sinal de enunciação do “eu vi” que é a prova de uma verdade (cf. HARTOG, 2011); Vasconcellos sabe por que viu, e sua autópsia é a garantia da crença.

O historicismo tinha como ferramenta a combinação de uma metodologia de pesquisa rigorosa e de crítica às fontes com a compreensão destas. Através da crítica (ou seja, do olhar profundo e rigoroso) capturavam-se as ideias reveladoras do sentido de certa época; já a compreensão

“se dirige à experiência vivida íntima, interna [...] é um processo contínuo e aproximativo não tem um início e um fim bem definidos, mas, se ela é relativa não é apenas uma superposição de perspectivas e percepções, pois revela um refinamento progressivo em direção a uma validade geral.” (REIS, 2008: 65).

A compreensão seria um reviver a vida do outro, na qual José Carlos Reis chama de transposição do eu para o outro em que o historiador se transpõe emprestando ao outro sua vida e fazendo com que a vida do outro ressurgja. (REIS, 2008). Vasconcellos vai tão fundo que acaba se transformando em uma testemunha da verdade, se coloca no lugar do outro, quando diz, “Acabamos de percorrer esse edifício [...], e podemos por isso atestar a absoluta veracidade do facto” (VASCONCELLOS, 1936: 109). Quer dizer, quando se transpõe à vida do outro o “eu vi” é a marca que coloca um ponto final na questão. Afinado à crítica documental e ao aprofundamento no conhecimento do passado a ponto de reconstruí-lo de maneira tão minuciosa, ele deixa claro o tom historicista de suas obras.

“Batem, alegres, os sininhos do Rosario em manhã nevoenta de outubro. No largo da Capelinha espoucam os mosteiros. Afluem do arraial a escrevatura e toda a população dos morros. Pretos e brancos, paulistas e portugueses. Chega o coronel Salvador Furtado. Seguem-n’o Frazão de Brito, Torquato de Carvalho, Antonio Pereira de Machado. Todos despídos dos gibões de couro, e mettidos em trajas domingueiros. Chapéos de abas largas, a fita a pender-lhes da cópa, as blusas abotoadas, largas botas de couro. Entram, em seguida, as damas, mulheres e filhas do maioraes, com suas mucambas. Surge, finalmente, todo risonho, com o sachristão ao lado, padre Manoel Braz. O adro está repleto. Estoura no ar um morteiro e bimbam os

6 A autópsia é o procedimento, segundo Hartog, “de ver por si mesmo”, e leva “a transcrever o real”.  
 “”. HARTOG, 2011: 163.



sinos á *entradinha*. Começa a Missa. Não cabe na igrejinha a multidão e a mór parte joêlha cá mesmo, do lado de fora” (VASCONCELLOS, 1938: 91).

Na passagem acima ele reconstrói uma ação do período colonial como se realmente tivesse acontecido de tal maneira, a narração detalhada do tempo, das vestimentas e da ordem de entrada na igreja, como também, o modo ao qual a capela se encontrava, transmite veracidade ao evento corporificando-o em uma realidade. O reviver do passado é observado em todas as obras.

Vasconcellos estava alinhado ao pensamento de Dilthey<sup>7</sup>, apesar de não tê-lo citado ou dito que conhecia seus pressupostos, mas nos termos da compreensão podemos dizer que a linha de raciocínio era bem semelhante, quiçá idêntica. A compreensão em ambos era feita por um caminho de reconhecimento e conhecimento. Enquanto reconhecimento, a compreensão se baseava nas relações vividas e compartilhadas entre os sujeitos; já enquanto conhecimento se baseava entre o autoconhecimento da experiência vivida e as experiências vividas do passado. Portanto, em Vasconcellos esta compreensão vem à tona quando delinea a identidade do mineiro e de Minas Gerais, onde relaciona o autoconhecimento de sua experiência, como a mudança do estilo arquitetônico provocado pelos modernistas, com as experiências vividas dos homens do passado, a saber, os movimentos em prol à liberdade.

O historicismo vai sendo cada vez mais evidente quando o autor demonstra as singularidades existentes no passado mineiro, pois, segundo ele foi de tais terras que se deu o “primeiro grito de liberdade em nossa Pátria” (VASCONCELLOS, 1937: s/p). Afinal, as singularidades são a espinha dorsal desta teoria, são elas o aporte de toda a pesquisa histórica em busca do conhecimento do passado. Segundo Meinecke “a medula do historicismo fundamenta-se na substituição de uma perspectiva generalizante das forças humanas históricas por uma consideração individualizadora” (MEINECKE, 1982: 12). O resgate da singularidade perpassa todas as obras. Em algumas, são os movimentos em prol a liberdade, em outras, são as obras de arte e seus artífices, todos sempre sendo colocados na história como autênticos e pioneiros nas suas respectivas competências e em lugar de destaque

---

7 Dilthey (1833 – 1911) foi um historiador alemão da virada do século XIX para o XX que seguiu a teoria historicista para suas pesquisas, defendia para a história a condição de ciência e propôs como especificidade de tal teoria a compreensão. Cf. REIS, 2008.

sempre está um membro familiar. No entanto, a singularidade maior e responsável pelos movimentos de liberdade, pela arte e pela civilização fazem parte de um processo religioso, pois este é o disseminador da moral e dos bons costumes nas terras mineiras, além do progresso humano.

Em relação ao progresso, apesar do Historicismo surgir contra o aceleração das mudanças, a racionalização advindas do Iluminismo, ele não prega que não haja um progresso, ele é a favor do progresso do homem, e neste ponto está muito vinculado à religião, ou melhor, a uma fé.

“Cada época existe em relação imediata para com Deus e seu valor não repousa sobre o que ela decorre, mas em sua própria existência, em seu próprio ser. Destarte a consideração da história, ou seja, da vida individual da história, um impulso específico, na medida em que cada época deve ser vista como algo válido em si [...]” (RANKE apud MARTINS, 2008: 38).

Então, cada povo possui uma relação com Deus que a especifica perante outros povos. Em Vasconcellos o mesmo raciocínio é impresso quando relaciona o desenvolvimento da nação brasileira com a realização religiosa. Mariana, com isso, chega a ser qualificada uma quase Europa brasileira, ou melhor, um centro cultural onde o germe da civilização, da religião e dos bons costumes foi plantado. Cidade pronta, madura e exemplo para as gerações seguintes. “Athenas Mineira, pelo muito que prodigalisou, á cultura intellectual e moral” (VASCONCELLOS, 1938: 61).

Se o Historicismo criticava a aceleração temporal advinda de um mundo industrial burguês, eles viram no passado a alternativa para estimular um desenvolvimento lento e não corrosivo socialmente. É uma busca por um passado ideal a fim de transformá-lo adequando-o ao presente. E esta busca acaba gerando certa nostalgia daquele tempo que se foi e que é visto como melhor que o presente. O tom nostálgico em que Vasconcellos construiu algumas de suas obras nos faz perceber a contraface desse tom – a decadência – a mudança no ritmo da vida, das formas sociais e culturais. Esta nostalgia deriva muitas vezes do espírito religioso em que a moral é a chave de entrada no conhecimento do universo, “o religioso permite a comunhão do original com o todo” (RODRIGUES, 2008: 98). Neste ponto, o historicismo está bem próximo às ideias românticas do século XIX, na qual, ambas vinculam-se a uma experiência de perda e da clareza dolorosa de que o presente precisa resgatar certos valores essenciais que foram subvertidos pela aceleração temporal do novo. Em Vasconcellos isto transparece principalmente ao

tratar dos tipos arquitetônicos que estavam vigorando em sua época e o consequente abandono advindo do novo.

“Deixal-a ruir, para em seu lugar erguer-se outra Cathedral, seria, [...] um atentado imperdoável ao passado, porque, com o espírito da época e com a febre do urbanismo e do cimento armado, que é hoje a moda, o que fatalmente aconteceria era tirar-se a “avó” para pôr em seu lugar a “neta” encatada de rendilhados e florões argamassados, com suas lunetas multicôres e outros ademanos modernos, própria, sem dúvida, para as avenidas buliçosas, mas não para as calçadas coloniais e para o recinto augusto e evocativo da velha e amada Marianna de 1745”. (VASCONCELLOS, 1938: 24)

No ritmo nostálgico e espiritual o autor demonstra o desejo de contar sobre sua terra natal mostrando que, o que não existe no presente das grandes cidades, existe em Mariana, alma do passado brasileiro. Esta nostalgia está estritamente ligada ao que ele chama de “febre do urbanismo e do cimento armado”, mas também, no ritmo da vida, cantada pelos sinos.

“Que emoção há comparável a essa que sentimos, quando, ausentes da aldeiasinha onde nascemos, longe do berço natal, lá voltamos um dia e ouvimos o sininho da nossa paróquia bimbando como dantes, alegre e festivo, em manhã domingueira!” (VASCONCELLOS, 1946: 25).

171

Este olhar para o passado em tom nostálgico reabilita as forças para continuar a luta em prol as “cidades antigas” caindo sempre em uma “busca de valores no entorno mais próximo de suas origens” (RODRIGUES, 2008: 99).

Podemos perceber como estão imbricadas as ferramentas historicistas, uma levando à outra e vice-versa; e assim como o sentimento de nostalgia deságua na busca das origens, cada aporte historicista deságua em outro que deságua no anterior e no próximo, sendo por isso, difícil limitar o que é a teoria historicista.

Mas, ainda existe mais uma ferramenta utilizada por Vasconcellos, é a pedagogia historicista. Segundo Martins, “a pretensão pedagógica do historicismo se caracteriza por reivindicar [...] uma função essencial na orientação do agir contemporâneo” (MARTINS, 200: 40). Em todas as obras ele se coloca como o porta voz de um núcleo de cidades que precisava, naquele momento, de olhares especiais, portanto, mais uma vez é ressaltado a importância de sua família para com a pátria mineira, neste caso é ele mesmo o responsável por tal ato. Na obra *Breviário Histórico e Turístico da Cidade de Mariana*, o título já deixa claro o tom

de pedagogia requerida pelo autor. *Breviário* é segundo o *Dicionário Silveira Bueno* “livro de orações dos padres<sup>8</sup>”, ou seja, um livro de dogmas a serem seguidos. E é isto que Vasconcellos quer que o seu livro seja, um orientador da visão, uma obra feita para que todos possam dela usufruir, e que ela fique para a posteridade como referência, sendo assim um manual.

E, como dissemos em uma passagem acima, um aporte deságua em outro; os da pedagogia e da nostalgia deságuam em outra teoria, a *Magistra Vitae*. A pedagogia, nas obras estudadas, não se limita em apenas orientar, mas em resgatar o passado tal como foi. Ela carrega consigo uma concepção de exemplaridade na qual o tempo deve ser repetido, ou seja, não se deve abandonar a tradição. Isso se diferencia da concepção historicista de uma “ressignificação da tradição”, ou melhor, como aponta Velloso “apropriação crítica da tradição” (VELLOSO, 2010: 28).

Salomão de Vasconcellos escreve para um tempo marcado pelo advento do moderno, da urbanização. Nesse ponto, ele se utiliza do passado como um espaço de discussão do presente e do futuro, porém também era seu intuito preservar esse passado de ensinamentos e memórias, enfim, preservar sua “tradição”. Contudo, desejava preservar no sentido de dar continuidade repetindo as experiências. Um bom exemplo para essa discussão é o uso que o autor faz do sino das igrejas: participante da própria história do homem como um elemento de fundação, de memória e da temporalidade do cotidiano ele é uma exemplaridade que precisa ser conservado para as gerações futuras. Nele é identificada certa nostalgia, uma rememoração de um passado onde esse ditava o caminhar das cidades. Notamos aí, uma tendência à história *Mestra da Vida*. Ao mesmo tempo, ele retira o sino do passado trazendo-o ao presente como um símbolo comum entre todos os participantes da nova nação. Então, o sino sofre uma representação, o da Pátria, da nação. Portanto, ao sino o autor confere, na mesma medida, nas palavras de Burke, uma re-apresentação e uma representação (BURKE, 1995).

A um só tempo o Salomão de Vasconcellos trilha um caminho de singularidades e procura refundar um tempo passado. Nesse sentido, cremos não existir uma oposição, e sim uma sobreposição entre o *Historicismo* e a *Mestra da Vida*. Outro fato importante a salientar na sobreposição temporal, é que Vasconcellos é um homem da virada do século e viveu a transferência da capital em 1897 (já tinha

---

8 Esta passagem foi procurada em diversos dicionários, todos diziam o mesmo significado, e pelo ano mais retrógrado decidimos colocar como referência o dicionário constante no texto. *Dicionário Silveira Bueno*, São Paulo: Editora Lisa S/A, 1992: 115

20 anos de idade), assistindo de perto as intensas discussões entre mudancistas e não mudancistas<sup>9</sup>, bem como, os fundamentos para uma patrimonialização. Imerso em um duplo sentimento de perda, o da mudança da capital, e a perda advinda da urbanização e modernização das cidades, o que representou a dualidade moderno/antigo, Salomão de Vasconcellos materializa uma tradição que deve ser guardada para que o processo civilizacional iniciado com os europeus não se perca no curso da história. Para isto era preciso “patrimonializar” os monumentos de valor nacional e que possuíam funções na vida social e política.

Em se tratando de patrimônio, Salomão foi um dos principais homens no tombamento dos bens da cidade de Mariana, como também da própria cidade em Monumento Nacional em 1945. Neste sentido, suas obras serviram como pareceres técnicos onde constavam todos os detalhes, desde o ano de criação de um bem, seu arrematador, irmandade envolvida e o artista responsável pelas pinturas e esculturas. Com as obras, ele escreve a história de sua cidade natal, focalizando a importância desta para com a civilização, para isto, exalta três elementos, que são os acontecimentos políticos, a arte e a religião. Cada vértice desse tripé está totalmente envolto por outro, a ponto de não conseguirmos os separar; estão atados com fortes nós, emolados uns aos outros, assim como causa e a consequência. Portanto, tudo que diz respeito à essa tríade, Vasconcellos considera patrimônio, pois, foi nas terras mineiras da cidade de Mariana que os primeiros gritos de liberdade surgiram, esta terra foi a primeira vila mineira, primeira capital, primeira sede do bispado e primeira cidade.

173

Através de um olhar distanciado, ele mapeou e distinguiu os traços considerados universais – a religião e a luta pela liberdade – e os traços particulares – a prematuridade de consciência mineira e a arte como expressão política e religiosa. Neste duplo caminho, entre universal e particular, o autor constrói uma cidade referenciada como Patrimônio Histórico.

A religião é a primeira e mais importante base da constituição do patrimônio; nela detectamos um sentimento de devoção às relíquias, “apego aos bens simbólicos que evocam a ideia de pertencimento” (FONSECA, 2009: 55). A obra *Os Sinos... (na simbologia e na história)* retrata exatamente esse apego aos símbolos, sendo o sino um dos mais importantes para o autor. Eles são responsáveis, através do “seu som harmônico”, por ditar os passos das cidades que em volta deles

---

<sup>9</sup> Para um melhor aprofundamento de tais discussões que desaguou mais tarde em um processo patrimonial ver: Ver: NATAL, 2007.

se formaram. Os sinos “falam” aos homens convidando-os a participarem da vida social e religiosa. Nesse sentido possui uma linguagem que tem por propósito unir as pessoas, informá-las dos acontecimentos, celebrarem com elas todos os passos da vida desde o nascimento, batismo, casamento até a sua morte. Eles possuem em seu tocar uma linguagem universal “falam a voz de Deus, a voz dos homens e a voz da pátria” (VASCONCELLOS, 1946: 15).

A arte que encerram as igrejas também são símbolos da religiosidade e da autenticidade mineira. O autor vê Mariana como o *locus* do alvorecer da pátria, pois foi em tais terras que se deu a continuidade dos princípios europeus, principalmente portugueses. A arte barroca juntamente com os valores católicos são testemunhas desta continuidade, ou melhor, da ligação do Brasil com o mundo “civilizado”. Nesse sentido, as igrejas demonstram a conexão direta entre Mariana, “[...] berço de tantas tradições e pioneira dos fastos mais culminantes da nossa História” (VASCONCELLOS, 1938: 26), e a civilização, e, sendo a cidade “[...] symbolo da nossa fé e expressão genuína do nosso passado [...]” (VASCONCELLOS, 1938: 15), selou uma união sólida entre arte e religião, dois fundamentos essenciais para a cultura nacional.

174

Com isso, podemos perceber que Vasconcellos “[...] vê a cultura a partir do Barroco e da identidade de Minas com Portugal, dando a essa concepção um caráter universal e à nação uma fisionomia através da tradição católica” (MALHANO, 2002: 36).

A arte como expressões da liberdade e da religiosidade faz das igrejas verdadeiros mananciais, onde os artistas da época imprimiam sua devoção e seus anseios por liberdade. Para ele, a arte Barroca, apesar de ter sido introduzida pelos portugueses, teve em Minas seu caráter singular e legítimo, e o pintor Manuel da Costa Ataíde foi o principal artífice dessa singularidade. Na obra *Ataíde: pintor mineiro do século XVIII*, publicada em 1941, o autor reforça as particularidades marianenses alinhadas às universais. Ataíde foi um artista pioneiro e responsável pela beleza patrimonial que fez das igrejas um recinto majestoso, desta forma, o autor coloca o artista em um lugar de destaque que até então não tinha ocupado. Todas as pinturas de Ataíde são estudadas por Vasconcellos mostrando a sutileza dos detalhes e seus significados para com a sociedade marianense da época, bem como o conhecimento que o artista tinha da *Bíblia* e dos dogmas da igreja. Neste caminho, Ataíde se torna um devoto e responsável por imprimir em suas telas, não somente sua devoção, mas, um exemplo para o povo.

Outro aspecto que liga arte, religião e política são os movimentos

de 1720, 1831 e 1889. Todos os movimentos visaram a liberdade de Minas e aconteceram em Mariana, e em alguns deles, um familiar foi o líder, o cabeça do movimento. Ele entrelaça a sua família à história de Mariana com um objetivo claro, colocá-los em posição de destaque na criação e desenvolvimento da cidade, além de patrimonializar, o que também justifica a posição de destaque, os bens que pertenceram a seus familiares. Portanto, tudo que dizia respeito a arte, religião, política e sua família, o autor acaba por considerar um patrimônio, e por isto trabalhou em prol à cidade de Mariana, sua terra natal, lugar onde se encontram todos os elementos importantes para ele.

A cidade de Mariana foi em 1937 tombada em seu conjunto arquitetônico e inscrita no *Livro de Tombos*, mesmo assim, Vasconcellos instigou o tombamento de cada monumento em separado – antigos e relevantes –, fazendo-a assim um Patrimônio Histórico. Os trabalhos no SPHAN e no IHGMG, também foram sempre devotos à cidade de Mariana como alude algumas cartas à Rodrigo Melo Franco de Andrade, então diretor do SPHAN. E é importante notar que a partir do momento que Vasconcellos entra para o SPHAN e concomitantemente publica suas obras, vários monumentos foram tombados, como é o caso das igrejas de Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora do Rosário<sup>10</sup>.

175

Patrimônio Histórico para Vasconcellos é todo monumento e obra de arte que faz parte da história política e social da cidade de Mariana e conseqüentemente da história nacional. Tudo que envolvesse a tríade, religião, arte e política, entrelaçados sempre à sua família, era considerado pelo autor como parte do patrimônio. E por esse motivo a cidade de Mariana é o verdadeiro *locus* patrimonial, a legítima herança de toda uma nação.

Outro núcleo do qual participou e travou intensas disputas patrimoniais foi na *Revista História e Arte*, liderada por Augusto de Lima Júnior. Neste ambiente viveu claramente a patrimonialização no sentido da manutenção de um passado no presente, juntamente com o lento progresso, como alude Francisco Eduardo de Andrade sobre o polígrafo Augusto de Lima Júnior, que “em uma perspectiva conservadora de curvatura cíclica do tempo, [...] busca advertir, na Revista, que a Arte Moderna espalhava uma crise aguda do processo civilizador europeu, ou especificamente francês e brasileiro” (ANDRADE, 2013: 204).

Contudo, em meio a uma escrita historiográfica influenciada por “dois

---

10 As inscrições desde tombamentos como de outros encontra-se no *Guia de Bens tombados* do SPAHN.



tempos”, um que preconizava a exemplaridade de um tempo cíclico, outro alinhado ao pensamento intelectual da década de 1930 ele, através de suas obras e representações feitas no IHGGMG, tenta sacralizar a cidade de Mariana por meio do argumento que foi em tal *urbe* que se emanou o sentimento de liberdade e a pura arte, movimentos autênticos da cultura nacional, e costurada a isto, ele também escreve sua própria história.

Salomão de Vasconcellos faleceu em 1965 em Belo Horizonte, mas foi sepultado em sua terra natal, Mariana, e jaz no cemitério do Santana. Ao seu lado está Alphonsus de Guimarães, ambos “fazendo jus ao respeito da posteridade, o historiador e o poeta marianense” (VASCONCELLOS, 1972: 16).

### **Considerações finais**

Neste artigo, reconstruímos alguns traços notórios da biografia e da vida intelectual do Salomão de Vasconcellos, procurando examinar como ele mobilizou o passado na constituição da identidade do mineiro, de um patrimônio e tentou escrever junto a isto sua própria história familiar e de vida.

Salomão de Vasconcellos, em meio a um novo tempo proposto pelo Estado Novo, escreveu suas obras referenciando sempre à constituição da cidade de Mariana como a origem, a pátria. Com isso, ele traça uma história brasileira que se adequa ao regime estado-novista, porém ele vai além, seus pensamentos estavam mais ligados à uma civilização ocidental cristã. Em suas obras, escancara sua religiosidade e a importância do catolicismo para com a evolução dos seres. Outro marco civilizacional é a veia política mineira demonstrada nos movimentos em prol a liberdade da nação, tendo como figuras principais, Bernardo Pereira de Vasconcellos, Joaquim de Vasconcellos (ambos tios avô do Salomão), seus bisavôs (que participaram do Fico) e seu tio Diogo de Vasconcellos (chamado por ele de o “Mestre de nossas tradições”), importante historiador responsável por imprimir no jovem rapaz a ânsia de lutar por sua terra natal.

Cabe ressaltar que ele fora um homem coerente em seus ideais, prova disto é a sua saída do SPHAN devido a certa incompatibilidade de ideias no que tange ser e fazer parte do patrimônio, pois, ele já visualizava um patrimônio imaterial fundado nos rituais, essencialmente católicos, o que não ocorre no grupo do SPHAN, famoso pela constituição de um patrimônio de “pedra e cal”. Desta forma Vasconcellos vê em outras instituições o caminho para propagar suas ideias e se junta ao grupo da *Revista História e Arte*, núcleo de historiadores católicos,

encabeçado, principalmente, por Augusto de Lima Júnior.

Com relação à forma de sua escrita, é notável no discurso historiográfico de Salomão de Vasconcellos uma mistura de dois modelos historiográficos, estando o autor entre a *Magistra Vitae* e o *Historicismo*, ambos presentes em suas publicações até 1947.

Por fim, tal autor, apesar de ser muito citado por historiadores, arquitetos, geógrafos e artistas, ainda é pouco visitado nos estudos monográficos, o que faz com que a documentação utilizada para este artigo seja pouco explorada pelos historiadores, entretanto sua importância é sentida até os dias atuais, pois quando pisamos em Mariana percebemos que suas ações patrimoniais foram essenciais para a manutenção do centro histórico quase intacto.

### Referências Bibliográficas

ANDRADE, Francisco Eduardo. Augusto de Lima Júnior entre o mito e a verdade histórica: Aleijadinho e Tiradentes. IN: PIRES, Maria do Carmo, ANDRADE, Francisco Eduardo e BOHRER, Alex Fernandes. *Poderes e Lugares de Minas Gerais Um quadro urbano no interior brasileiro, séculos XVIII – XX*. São Paulo: Scortecci Editora, 2013.

BURKE, Peter. História como alegoria. *Estudos avançados*, São Paulo, v.9, n.25, 1995.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. O limite do Historicismo: Johann Gustav Droysen e a *BILDUNG* na consciência histórica alemã do século XIX. *Revista Filosófica de Coimbra*. n°29, 2006, pp.139 – 160.

CARVALHO, José Murilo de. (org.). *Bernardo Pereira de Vasconcelos*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

DICIONÁRIO *SILVEIRA BUENO*. São Paulo: Editora Lisa S/A, 1992.

FALCON, Francisco. “Historicismo: antigas e novas questões”. *História Revista*, v. 7, n.1/2, p. 23-54, 2002.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo, trajetória da política federal*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. (R. Machado, Org. e trad.) Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GERTZ, René E. *O Historicismo e a moderna história social Alemã*. IN: LOPES DE ARAUJO [et.al.] Org. *A Dinâmica do Historicismo: revisitando a*

*historiografia moderna*. Argvmentvm, Belo Horizonte, 2008.

GUIA *Bens Móveis e Imóveis Inscritos nos Livros do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional 1938 – 2009*. IPHAN, 2009. Disponível em: [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br).

HARTOG, François. *A evidencia da história: o que os historiadores vêem*. Tradução Guilherme João de Freitas com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *L. von Ranke: História*. São Paulo: Ática, 1979.

MALHANO, Clara Emília Sanches Monteiro de Barros. *Da materialização à legitimação do Passado: a monumentalidade como metáfora do Estado. 1920 – 1945*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. Historicismo: o útil e o desagradável. IN: LOPES DE ARAUJO [et.al.] Org. *A Dinâmica do Historicismo: revisitando a historiografia moderna*. Argvmentvm, Belo Horizonte, 2008.

\_\_\_\_\_, Estevão C. de Rezende. Historicismo: Tese, Legado, Fragilidade. *História Revista*, 7, Jan/dez 2002.

178

MEINECKE, Friedrich. *El Historicismo y su génesis*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo, Editora Ática, 6ª edição, 1990.

NATAL, Caion Meneguello. *Ouro Preto a construção de uma cidade histórica 1891-1933*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Unicamp, 2007.

REIS, José Carlos. Sobre a “compreensão” em História: Dilthey (1833-1911) versus (e vice-versa) Weber (1864-1920). IN: LOPES DE ARAUJO [et.al.] Org. *A Dinâmica do Historicismo: revisitando a historiografia moderna*. Argvmentvm, Belo Horizonte, 2008.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. Em busca de novos horizontes: Reflexões sobre a cultura romântica. IN: LOPES DE ARAUJO [et.al.] Org. *A Dinâmica do Historicismo: revisitando a historiografia moderna*. Argvmentvm, Belo Horizonte, 2008.

SILVA, Ana Rosa Clochet da. Identidades em construção. O processo de politização das identidades coletivas em Minas Gerais, de 1792 a 1831. *Almanack*

*Brasiliense*, n.1, maio de 2005.

SCHOLTZ, Gunter. O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX. *Revista História da Historiografia*, Ouro Preto, n.6, março, 2011, 42-63.

VASCONCELLOS, Décio de. Alguns Antigos Vultos Ilustres Marianenses. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, n°VIII, 1961, p. 365-366.

\_\_\_\_\_, Décio de, Alguns dados biográficos de Salomão de Vasconcellos. IN: VASCONCELLOS, Salomão de. *O fisco: Minas e os mineiros na independência (edição comemorativa do Sesquicentenário da Independência)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 2ªedição, 1972.

VASCONCELLOS, Salomão. *O Fisco: Minas e os Mineiros na Independência*. Edição comemorativa do sesquicentenário da Independência. 2ª Ed. Imprensa Oficial. 1972.

VASCONCELLOS, Salomão. *Verdades Históricas*. Belo Horizonte: Edições Apollo, 1936. Bibliotheca Mineira de Cultura.

\_\_\_\_\_. *História Colonial: O Palácio de Assumar. Estudo crítico-histórico*. Belo Horizonte: Gráfica Queiroz Breyner LTDA, 1937.

179

\_\_\_\_\_. *Marianna e seus Templos*. Belo Horizonte: Graphica Queiroz Breyner LTDA, 1938.

\_\_\_\_\_. *Ataíde: Pintor do século XVIII*. Belo Horizonte: Editôra Paulo Bluhm, 1941.

\_\_\_\_\_. *Os Sinos... (na simbologia e na história)*. S/l: s/e, 1946.

\_\_\_\_\_. *Breviário Histórico e turístico da cidade de Mariana*. Biblioteca de Cultura, Vol. XVII, 1947.

VELLOSO, Monica Pimenta. *História e Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.